

RESENHA DO ARTIGO INTITULADO DE “O PORQUÊ DE SE FILOSOFAR EM TEMPOS DE PANDEMIA”¹

REVIEW OF THE ARTICLE TITLED OF “WHY TO PHILOSOPHY IN PANDEMIC TIMES”

Recebido: 04/08/2022 | Aceito: 22/08/2022 | Publicado: 26/08/2022

Maurício Renato de Souza²

 <https://orcid.org/0000-0002-3817-6883>

 <http://lattes.cnpq.br/9334429272548671>

UniProcessus – Centro Universitário Processus, DF, Brasil
E-mail: mrsouzapb@hotmail.com

Resenha da obra:

OLIVIERI, Alejandro Gabriel; SILVA, Gustavo Javier Castro; LACERDA, Lourivânia Soares de; PALMA, Rodrigo Freitas. O porquê de se filosofar em tempos de pandemia. **Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social**. Ano II (2020), Vol. II, n.º 4, jun.-dez., 2020.

Resumo

Esta é uma resenha do artigo intitulado de “O porquê de se filosofar em tempos de pandemia”. Esse artigo é de autoria de: Alejandro Gabriel Olivieri; Gustavo Javier Castro Silva; Lourivânia Soares de Lacerda; e Rodrigo Freitas Palma. O artigo aqui resenhado foi publicado no periódico “Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social”, no Ano II, Vol. II, n.º 4, jun.-dez., 2020.

Palavras-chave: Pandemia. Filosofia. Interdependência. Biopolítica.

Abstract

This is a review of the article titled of “Why to philosophy in pandemic times”. This article is from: Alejandro Gabriel Olivieri; Gustavo Javier Castro Silva; Lourivânia Soares de Lacerda; and Rodrigo Freitas Palma. This redesigned article was published in the periodic “Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social”, in the year II, Vol. II, n. 4, June-December, 2020.

Keywords: *Pandemics. Philosophy. Interdependence. Biopolitics.*

Resenha

Esta é uma resenha do artigo intitulado de “O porquê de se filosofar em tempos de pandemia”. Esse artigo é de autoria de: Alejandro Gabriel Olivieri; Gustavo Javier Castro Silva; Lourivânia Soares de Lacerda; e Rodrigo Freitas Palma. O artigo aqui resenhado foi publicado no periódico “Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social”, no Ano II, Vol. II, n.º 4, jun.-dez., 2020.

¹ A revisão linguística desta resenha foi realizada pelo professor Filipe da Silva Linhares.

² Graduando em Direito pelo UniProcessus – Centro Universitário Processus, DF, Brasil.

Quanto aos autores desse artigo, é importante conhecer um pouco acerca do currículo de cada um deles. Muito do que compõe a formação ou a experiência de um autor contribui para a reflexão temática dos temas aos quais se propõe a escrever. Conheça-se, então, um pouco sobre cada um dos autores.

O primeiro autor desse artigo é Alejandro Gabriel Olivieri. Bacharel em Filosofia; mestre em Sociologia Política; doutor em Sociologia; professor e pesquisador na Faculdade Processus, no curso de Direito. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1921746316087755>.

O segundo autor desse artigo é Gustavo Javier Castro Silva. Graduado em Filosofia; mestre em Ciência Política e Relações Internacionais; doutor em Sociologia. Atualmente, é diretor acadêmico, procurador institucional, coordenador e professor de pós-graduação na Faculdade Processus. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1091127369557989>.

A terceira autora desse artigo é Lourivânia Soares de Lacerda. Graduada em Direito; especialista em Direito Previdenciário; mestre em Direito Público; professora de Introdução ao Estudo do Direito e Direito Administrativo, na Faculdade Processus. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1331-563X>.

O quarto autor desse artigo é Rodrigo Freitas Palma. Graduado em Direito; especialista em Relações Internacionais, Direito Militar e Docência do Ensino Superior; mestre em Ciências da Religião; professor de História do Direito e de Antropologia Jurídica, na Faculdade Processus. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2262312507706999>.

Esse artigo é dividido nos seguintes capítulos: resumo; palavras-chave; *abstract*; *keywords*; Capítulo 1 (Tarefa da Filosofia em tempos de crise); Capítulo 2 (Filosofando a pandemia), dividido nos subcapítulos “Pandemia e estado de exceção”, “Pandemia, biopolítica e políticas imunitárias”, “Pandemia e as utopias de sociedades alternativas ao capitalismo”, “Pandemia e novas formas de exercício da soberania: vigilância digital e pandemia” e “Fragilidade imunológica e existencial”; Capítulo 3 (Pandemia, capitalismo e morte); conclusão; e referências.

Nesse artigo, há uma análise de diversos filósofos acerca da pandemia da covid-19 e seus impactos nacionais, globais e, também, nas relações interpessoais.

O tema desse artigo é “O porquê de se filosofar em tempos de pandemia”. Foi discutida a tarefa de se filosofar em tempos de crise. O trabalho tem como hipótese reconhecer como legítimo o ensinamento hegeliano que faz uma comparação entre o voo da coruja de Minerva e a tarefa de se filosofar.

Nesse estudo, o objetivo geral foi analisar o ponto de vista de diversos filósofos atuais e de diversas partes do mundo sobre os impactos da pandemia na sociedade e nas pessoas.

A temática da pesquisa contou com a seguinte justificativa: discutir e analisar o pensamento de filósofos contemporâneos e traçar um paralelo com filósofos consagrados no passado, na tentativa de explicar os efeitos da pandemia na sociedade.

Os autores começam seu artigo fazendo uma comparação e concordando com a teoria hegeliana, que compara o voo alçado pela coruja de Minerva e o trabalho de filosofar e afirmam, de forma coerente, que a Filosofia sempre funciona por intermédio da razão e que só consegue ser efetiva após o desdobramento dos acontecimentos.

Na visão dos referidos autores, o diferencial da coruja de Minerva para as outras aves é a sua capacidade de visão em 360 graus, trazendo, com isso, benefícios quando amplia seu campo de visão, portanto, isso facilita a caçada às suas presas. Os autores usam essa teoria para demonstrar que o filósofo é um profissional que enxerga o que os outros não conseguem, fazendo, com isso, que ele consiga ver todos os ângulos de uma mesma realidade.

Os autores observam, com muita pertinência, que a Filosofia trabalha sempre depois dos fatos, porém a pandemia causada pelo novo coronavírus (covid-19) trouxe outra realidade que lhes foi apresentada. Desse modo, eles tiveram que trabalhar paralelamente ao acontecimento dos fatos.

Para os autores é notório que essa imposição do trabalho do filósofo enquanto os acontecimentos estão ocorrendo faz com que, ao término desse período pandêmico, seja necessária uma reavaliação das mudanças no ramo da Filosofia.

Com muita clareza, os autores conseguiram observar que, com a necessidade de uma produção mais açodada, os filósofos acabaram sendo motivados a apresentarem problemáticas já prontas, muitas vezes impulsionados pela velocidade atual da comunicação e da multiplicação dos fatos, transformando, assim, o filósofo em repetidor de teorias de problemas postos por outros. Nessa esteira, os autores observam que os profissionais da Filosofia intitulados por eles como “filósofos mediáticos” não serão capazes de responderem aos questionamentos inéditos que surgem com a velocidade de um mundo globalizado e observam que os acontecimentos ainda estão em curso, dificultando muito a análise desses profissionais.

Com muita habilidade, os autores trazem uma reflexão sobre qual o papel da Filosofia. Eles afirmam que a principal tarefa é levar as pessoas a pensarem juntas, instigando-as a chegarem a alguma resposta, fazendo, com isso, que ela não seja uma ciência de respostas prontas. Diante dessa afirmativa, os autores advertem que o trabalho ora apresentado tem caráter meramente exploratório e deve servir como hipótese para outros trabalhos acadêmicos teóricos ou empíricos.

Os autores observam, com muita pertinência, que os pesquisadores da Filosofia se dividiram em duas correntes principais sobre os efeitos da covid-19. A primeira segue uma linha mais otimista e acredita que o resultado será um mundo com menos desigualdade e, por consequência, mais solidário e com menos autoritarismo. Já na perspectiva mais pessimista, eles acreditam no inverso, ou seja, creem que o mundo ampliará sua desigualdade, a solidariedade será mais escassa e o autoritarismo será predominante.

No segundo capítulo do artigo, os autores muito bem observaram que a Filosofia trabalha o tempo de exceção como se fosse normal. Por esse motivo, seria extremamente importante, desde uma mirada civilizatória, que, se expandisse uma nova prática de cultura filosófica crítica.

No início da pandemia, foi publicada uma coletânea de artigos filosóficos chamados de Sopa de Wuham. Neles, foram inseridas as impressões iniciais de alguns intelectuais sobre a covid-19. Nesse sentido, os autores, na introdução da coletânea, falam justamente sobre a reflexão necessária a respeito das polêmicas que se apresentam com a ascensão da pandemia e tratam de algumas hipóteses sobre o futuro.

Nessa coletânea, a primeira das impressões observadas pelos autores é a do italiano Giorgio Agamben, que, além de não acreditar na existência da covid-19, traz críticas diretas às medidas emergenciais de proteção que foram adotadas na Itália. Além de considerá-las injustificáveis, ele vai mais além, chamando-as de irracionais e frenéticas e apresenta duas teorias para justificar essa posição estatal.

A primeira teoria afirma que existe uma tendência em crescimento de usar o estado de exceção como modelo normal de um governo. A segunda teoria discorre que existe um estado de medo permanente no indivíduo, o qual acaba por se transformar em uma necessidade coletiva de um estado de pânico. Os autores conseguiram, de maneira contundente, identificar, nas teorias do filósofo italiano supracitado, que essas condições criaram um clima ideal para um círculo vicioso, em que a população precisa e deseja segurança e, por outro lado, o Estado impõe limitações à liberdade coletiva (AGAMBEN, 2020).

Os autores continuam a análise do artigo de Agamben, no qual encontraram e apresentaram, com muita clareza, um ponto crucial para se compreender o ponto de vista do referido filósofo italiano. Segundo o filósofo, a explicação para ausência de oposições ou manifestações contra as medidas de enclausuramento impostas pelas autoridades é que a sociedade já se encontrava em emergência quanto ao seu modo de viver e que isso se assemelhava a uma praga. Dessa forma, traçou-se um paralelo entre os problemas anteriores à pandemia e a crise pandêmica declarada pelas autoridades.

Os autores apresentam um contraponto ao pensamento de Agamben, por intermédio das ideias do seu colega francês Jean-Luc Nancy, o qual afirma que a exceção foi convertida em realidade, tendo em vista que, atualmente, as interconexões, os deslocamentos de povos e os movimentos de toda espécie estão em patamar nunca conhecido. Nesse sentido, ele chama esse movimento de viral (NANCY, 2020).

No pensamento do filósofo e pesquisador marroquino Alain Badiou, os autores trazem um ponto de vista crucial de como se deve lidar com a pandemia. Na visão do filósofo em tela, com a pandemia, os sujeitos regrediram ao que ele chama de afetos tristes baseados em misticismos, profecias e fabulações, bem como traça um paralelo com o momento da peste negra, ocorrido na Idade Média. Ele comenta que a pandemia deve ser analisada de modo transversal, sem se abandonarem os pontos de vista natural e social. Assim, no encontro ou cruzamento desses pontos de articulação, é possível analisar as suas consequências (BADIOU, 2020).

Os autores trouxeram, pela primeira vez, em seu texto, o conceito de biopolítica de Michel Foucault nas palavras do experiente filósofo italiano Roberto Espósito, o qual afirma que Nancy traz, em suas análises, uma aversão ao modelo da biopolítica.

Os autores observam, com muita autoridade, e entram no debate criado pelo filósofo Roberto Espósito ao comentar que a biopolítica é uma realidade e que não é possível negá-la. Ela está infiltrada em intervenções biotecnológicas consideradas anteriormente como áreas de alcance exclusivamente natural, por exemplo, o nascimento e a morte. A biopolítica também está presente nos atos de terrorismo biológico, política migratória, gestão de epidemias. Ou seja, basicamente, todos os conflitos, em maior ou menor grau, têm relação estreita entre a vida biológica e a política.

Segundo Espósito, existe um paradoxo considerado insuportável na biopolítica. Ao mesmo tempo em que tenta proteger a sociedade, ela entrega a essa mesma comunidade à autoridade de sacrificar vidas, desde que esse sacrifício beneficie uma ideia de soberania. Acrescenta, ainda, que o estado de exceção é o resultado prático desse paradoxo (ESPÓSITO, 2020).

Na mesma linha dos filósofos Espósito e Badiou, os autores apresentam a posição de Patrícia Manrique, filósofa espanhola que diz que o interesse filosófico sobre a pandemia deve ter um tempo de maturação e que a pressa e a obsessão pelo tema podem atrapalhar o trabalho de reflexão necessário para se obter uma análise mais assertiva, o que, de certa forma, corrobora o pensamento dos autores.

Os autores apresentam, mais uma vez, o tema da imunidade por meio das palavras da filósofa espanhola. Ela ataca o assunto que considera chave na modernidade europeia, que é a relação entre a imunidade e a comunidade. Segundo a filósofa, a sociedade está dentro de um sistema necropolítico, absoluto e sem vergonha alguma de ser um modelo assassino (MANRIQUE, 2020).

Ainda na esteira da imunidade como chave dessa discussão, os autores indicam que não existe comunidade sem um tipo de instrumento imunitário. Porém, tem-se que encontrar formas de entendimento de uma identidade aberta e não excludente, fazendo, assim, que o imune não seja antagônico ao comum. É imperioso, portanto, buscar um tipo de imunidade comunitária, de tal maneira que a proteção individual seja subordinada à proteção do todo, ou seja, é preciso ter um modelo de imunidade compartilhada e responsável.

Outro ponto importante, tratado pelos autores de forma assertiva, é o da filósofa estadunidense Judith Butler, que aborda o conceito de interdependência global e que veio à tona com mais força após a pandemia, por meio do qual não se reconhecem fronteiras, as quais foram ultrapassadas em velocidade nunca antes vista (BUTLER, 2020).

Ao aprofundarem o assunto e mencionarem elementos a respeito do tema “interdependência”, os autores, didaticamente, alertam para o fato de que o vírus não é discriminatório e trata todos de maneira igual. Ao se verificar que todas as pessoas têm o risco de serem contaminadas ou até mesmo de perderem alguém próximo, isso prova a fragilidade humana, apesar de os autores acharem que o vírus não é discriminatório por si só, visto que, segundo eles, a desigualdade socioeconômica faz esse papel.

Os autores, com muita eficiência, apresentaram as teorias de Franco Berardi, filósofo italiano que traz uma reflexão muito pertinente sobre o modo de vida atual e como ela será afetada pelo vírus. Segundo ele, a recessão econômica que se avizinha e que paulatinamente vai se espalhando pelo mundo é capaz de provocar violentos conflitos e iniciar guerras e racismo epidêmico. Isso deve ocorrer, pois a sociedade não está pronta para um estancamento em longo prazo, visto que o vírus tem como um dos seus efeitos o freio do ritmo cotidiano. O filósofo aprofunda essa reflexão e se pergunta se esse freio no ritmo do capitalismo seria uma mudança total do sistema ou apenas mais uma metamorfose histórica que já ocorreu diversas outras vezes (BERARDI, 2020).

A reação à pandemia é o tema das análises do sul-coreano Byung-Chul Han, o qual adverte que a Europa estava se equivocando na reação à pandemia. Ele afirma que, além de não controlarem a evolução do vírus, os europeus exageraram no

fechamento das fronteiras, o que, segundo Han, seria uma mostra desesperada do poderio do Estado-nação (HAN,2020). Os autores do artigo ora mencionado tratam de um tema muito pertinente extraído das ideias de Han, que é a soberania e a vigilância digital, em comparação com os países europeus e asiáticos e sua eficiência no combate ao vírus. O sul-coreano afirma que os países asiáticos foram mais eficientes no combate à pandemia. Além disso, ele comentou que isso ocorre porque esses países têm uma mentalidade autoritária inerente e, também, porque as pessoas desses países são mais obedientes e menos reticentes às ordens estatais do que a população europeia, além de ter elevado grau de confiança em seus governos.

Os autores destacam um pensamento de Han, o qual, com muita clareza, lembra que, no mundo digitalizado, a realidade é eliminada por uma cultura de *do like*, que, de certa forma, inibe pensamentos negativos. Esse é um dos motivos de o pânico ter se espalhado com tanta força e de forma generalizada em todo o mundo.

Com a chegada da pandemia, as dúvidas que surgiram estão refletidas no pensamento do filósofo alemão Markus Gabriel, que são compiladas, com muito cuidado, pelos autores e são apresentadas em seu artigo: Qual o número de pessoas contagiadas? Dessas pessoas, quantas morrerão? Quando chegaremos a uma vacina? Quais os impactos dos vírus na economia e nos sistemas democráticos? O filósofo alemão disse que essas respostas não podem ser dadas no presente momento, mas asseverou que o mundo precisa de um tipo de imunização global contra o que ele chama de vírus da exclusão e da segregação (MARKUS, 2020).

Os autores, assertivamente, abordam a multidisciplinaridade e, sob essa ótica, apresentam o pensamento do pedagogo chileno Yañez Gonzalez, que lembra de alguns traços comuns a todos os seres humanos. Além da animalidade e frágil imunidade das pessoas frente ao desconhecido, o chileno diz que o vírus fez lembrar uma realidade, a qual é a completa falta de controle frente às diversas situações que o mundo impõe. Isso pode trazer o risco que antes era desconhecido. Portanto, é necessário aplicar medidas de controle que extrapolem o combate ao vírus, impactem as relações interpessoais e causem um importante processo de desafeição (YAÑEZ GONZALEZ, 2020).

No terceiro e último capítulo do artigo, os autores abordam um ponto central da Filosofia, que é a morte. Segundo eles, dentre as mudanças causadas pela pandemia da covid-19, a morte iminente é a mais dramática para o tipo de cultura vivenciado hoje em dia. O fator fundamental que caracteriza a morte para o ser humano é a sua consciência de que um dia morrerá; e essa, na verdade, é a única certeza da vida terrena. É indiscutível o medo que a morte produz; e a angústia causada pelo fim da vida tanto pode durar um curto espaço de tempo como pode durar anos.

Os autores conseguem, com muita clareza, assim como em todo o artigo, finalizar com uma reflexão trazida pelo filósofo Jean Baudrillard, que apresenta sua teoria, a qual menciona que os mortos sofrem um processo de exclusão muito mais acentuado na civilização, até mesmo de populações historicamente marginalizadas, como escravos, loucos, estrangeiros e outros. Ele enfatiza que essa exclusão é uma base para as outras exclusões e fundamenta o modo racional da cultura atual (BAUDRILLARD, 1996).

Ao chegarem à conclusão desse elucidativo artigo, os autores retornam ao que já explicavam como hipótese nesse artigo. Eles afirmam que as consequências do vírus trarão duas tendências bem delineadas, enquanto alguns filósofos falam em um

mundo mais solidário e igualitário, o que os autores intitulam de otimismo ingênuo. Por outro lado, alguns filósofos acreditam que o resultado será inverso. Eles denominam essa corrente de pessimismo fatalista. Na perspectiva dos autores, a Filosofia tem como tarefas, na atual crise pandêmica, assumir um realismo crítico frente aos desafios paradoxais do presente, formar hipóteses de maneira muito comedida sobre os cenários futuros e deixando claro que apenas a história será capaz de dar uma resposta final sobre o que virá no futuro.

Referências

AGAMBEN, Giorgio *et al.* **Sopa de Wuham. Pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020

BAUDRILLARD, Jean. **A Troca Simbólica e a Morte**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BERARDI, Franco. “Crónica de la psicodefación” em **Sopa de Wuham. Pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020.

BADIOU, Alain. “Sobre la situación epidémica” em **Sopa de Wuham. Pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020.

BUTLER, Judith. “El capitalismo tiene sus limites” em **Sopa de Wuham. Pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020.

ESPOSITO, Roberto. Trad. Andrea Santurbano. Curados até o fim. In: *Literatura Italiana Traduzida*, v. 1, n. 4, abril, 2020. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/209896>>.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como elaborar uma resenha de um artigo acadêmico ou científico. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**. Vol. 3, n. 7, pp. 95-107, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3969652. Disponível em: <<http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/41>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Modelo de resenha de um artigo acadêmico ou científico. **Revista Processus Multidisciplinar**. Vol. 1, n. 2, pp. 4-7, ago. 2020. Disponível Em: <<http://periodicos.processus.com.br/index.php/multi/article/view/225>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

HAN, Byung-chul. “La emergencia viral y el mundo del mañana” em **Sopa de Wuham. Pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020.

MANRIQUE, Patricia. "Hospitalidad e inmunidad virtuosa".em **Sopa de Wuham. Pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020.

MARKUS, Gabriel. "El virus, el sistema letal y algunas pistas..." em **Sopa de Wuham. Pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020.

NANCY, Jean-Luc. "Excepción viral" em **Sopa de Wuham. Pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020.

OLIVIERI, Alejandro Gabriel; SILVA, Gustavo Javier Castro; LACERDA, Lourivânia Soares de; PALMA, Rodrigo Freitas. O porquê de se filosofar em tempos de pandemia. **Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social**. Ano II (2020), Vol. II, n.º 4, jun.-dez., 2020.

YAÑEZ GONZALEZ. "Fragilidad y tirania (humana) em tempos de pandemia". em **Sopa de Wuham. Pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020.